

BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS: QUE PRESENTE? QUE FUTURO?

Grupo de Trabalho das Bibliotecas Universitárias

- Ana Gonçalves, Emília Araujo, Emília Mariano,
Isabel Faria, Lourdes Gouveia, Margarida Vargues
Maria Leal

RESUMO

A Mesa Redonda sobre Bibliotecas Universitárias, cujas linhas gerais se apresentam sob a forma de comunicação, parte de uma panorâmica do estado destes serviços no momento actual, com vista a desencadear uma reflexão conjunta de todos os participantes sobre as possibilidades do seu desenvolvimento futuro, a curto e a médio prazo.

As opiniões dos intervenientes no debate serão convenientemente anotadas. Em conjunto com as linhas gerais atrás referidas, constituirão o ponto de partida para a elaboração de um documento fundamentado a enviar ao Ministério da Educação e ao Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas, com vista a fazer avançar as grandes linhas nela definidas.

ABSTRACT

The panel on University Libraries, presents a general outline of the actual situation of these services, to induce a general reflection of all participants on developments short or long term.

All suggestions will be taken into account for, together with the outline here presented they will be the starting point for a report to be delivered to the Education Minister and the Council of Portuguese Rectors.

SUMÁRIO

	Páginas
1 INTRODUÇÃO	551
2 CARACTERIZAÇÃO DA REALIDADE NACIONAL	553
2.1 Quadros Estatísticos Nacionais	553
2.2 Equipamento Informático	560
2.3. Programas Informáticos	561
2.4. Inovações Tecnológicas	562
3. PANORAMA DE DESENVOLVIMENTO FUTURO	562
3.1 O Espaço e o Funcionamento	562
3.2. O Acesso aos Fundos	563
3.3. A Reprodução de Documentos	563
3.4. A Obtenção de Documentos	564
3.5. A Pesquisa em Bases Remotas	564
3.6. Formação dos Utilizadores	565
4 UMA PERSPECTIVA DE TRABALHO: A COOPERAÇÃO	566

1. INTRODUÇÃO

É objectivo desta Mesa Redonda sobre Bibliotecas Universitárias descrever a situação actual neste sector e referir algumas perspectivas de futuro que se abrem para o mesmo.

Essa descrição pretenderá desencadear um processo de discussão do qual nasçam propostas concretas de solução para os problemas considerados mais prementes no momento, nesta área. As propostas que dele resultarem serão apresentadas ao Ministério da Educação e ao Conselho de Reitores - do ponto de vista das orientações - o único modo de elas terem alguma viabilidade de execução no futuro.

O estado da questão aqui exposto foi estabelecido a partir dos elementos fornecidos pelo INE 1989⁽¹⁾ e dos que constam do "Ponto da Situação da Aplicação das Novas Tecnologias de Informação às Bibliotecas e o seu Impacto na Actividade das Bibliotecas em Portugal: Actualização: Relatório Final" ⁽²⁾, acabado de divulgar pela BAD.

Nas estatísticas do INE foram consideradas 46 bibliotecas universitárias e 137 de institutos ou departamentos universitários, o que fez um universo de 183 bibliotecas.

No LIB 2: Actualização, o universo inquirido foi de 150 e as respostas obtidas 53, portanto, os dados a ele referidos têm que ser lidos como caracterizando somente 35,3% do universo inquirido.

(1) "Estatísticas da Cultura, Desporto e Recreio, 1989". Lisboa, INE, 1991.

(2) Lisboa, BAD, 1991

A análise dos dados estatísticos sobre bibliotecas permite-nos concluir que é nas universidades que, no nosso país, se concentra a maior procura de serviços por parte dos utilizadores; em consequência disso elas são, portanto, as que mais contribuem para apoiar a investigação, o ensino e o desenvolvimento do país. Para que tal apoio seja eficaz é necessário que os seus fundos estejam actualizados e convenientemente tratados, que os seus espaços estejam adaptados às funções que lhes cabe desempenhar e que o seu pessoal esteja preparado para responder às questões que lhe forem postas.

Todavia, é consabido que os problemas destas instituições enfermam de dificuldades de resolução nem sempre fácil, que as têm impedido de atingir metas tantas vezes desejadas pela maior parte delas. Reduzidas durante anos ao papel de meras fornecedoras de respostas à procura, é a partir de meados da década de oitenta que parte delas tenta avançar para uma política mais agressiva, que lhes permita impor-se. Tal imposição assenta sobretudo em duas vertentes

- melhor formação técnica do seu pessoal
- e
- a proveitamento das vantagens do uso da informática

que resultam numa melhor qualidade dos serviços prestados.

Apesar da lentidão de alguns passos, alguns esforços não resultaram de todo inúteis, se se considerarem os avanços conseguidos na definição daquilo que os serviços pretendem, na normalização da descrição e da formatação dos dados, na formação e actualização do pessoal ou na introdução da informática nas bibliotecas para tarefas de rotina.

A fase seguinte passará, certamente, por uma definição clara de quem pretende ligar-se com quem, de acordo com os interesses institucionais e as opções possíveis.

Quanto ao futuro, o progresso imediato da actual situação das bibliotecas universitárias em Portugal parece-nos bastante difícil. Condicionam-no fortes limitações económicas, a par das impostas às próprias Universidades, e aliadas às reduções orçamentais e à alteração de prioridades de alguns

programas comunitários, que poderiam trazer benefícios para a informatização desta área. Estas restrições poderão gerar uma fase de retracção, bem contrária às necessidades de expansão previstas e desejadas pelos técnicos responsáveis, num período em que a oferta da tecnologia inovadora para as bibliotecas é demasiado aliciante para deixá-las insensíveis.

2. CARACTERIZAÇÃO DA REALIDADE NACIONAL

2.1. Quadros Estatísticos Nacionais

Tomando como base as estatísticas atrás referidas, elaboraram-se os quadros que nos pareceram de maior importância para caracterizar a realidade nacional das bibliotecas universitárias e de institutos ou departamentos universitários⁽¹⁾.

De entre esses aspectos apresentamos:

- 1 - Mapa geral que nos dá a existência das colecções e ainda as aquisições efectuadas nesse ano e respectiva despesa.
- 2 - Número de Bibliotecas Universitárias e de Institutos ou Departamentos Universitários segundo o número de volumes.
- 3 - Bibliotecas Universitárias e de Institutos ou Departamentos Universitários segundo a área ocupada.

(1) **Bibliotecas Universitárias** - Bibliotecas Principais ou Centrais ao serviço de uma Universidade. Devera classificar-se ainda como Biblioteca Universitária o grupo de Bibliotecas, tendo embora localizações distintas colocadas sob a responsabilidade de um director único.

Bibliotecas de Institutos ou Departamentos Universitários - Bibliotecas que servem um Instituto ou Departamento Universitário, que não são nem orientadas nem administradas pela Biblioteca Universitária Principal ou Central.

- 4 - Bibliotecas Universitárias e de Institutos ou Departamentos Universitários segundo as despesas.
- 5 - Bibliotecas Universitárias e de Institutos ou Departamentos Universitários segundo os recursos humanos.
- 6 - Bibliotecas Universitárias e de Institutos ou Departamentos Universitários segundo as despesas com bens de equipamento.
- 7 - Bibliotecas Universitárias e de Institutos ou Departamentos Universitários segundo dotação orçamental - aquisição de equipamento informático.
- 8 - Bibliotecas Universitárias e de Institutos ou Departamentos Universitários segundo serviços prestados.

**BIBLIOTECAS
SEGUNDO OS FUNDOS BIBLIOGRÁFICOS**

ESPECIFICAÇÃO	Bibliotecas Universitárias 46	De Institutos ou Departamentos Universitários 137
Coleções Existentes Livros e Periódicos		
Nº de metros de prateleira	47438	54201
Nº de volumes	1789793	1825137
Nº de títulos	1057180	921999
Manuscritos		
Nº de metros de prateleira	190	61
Nº de volumes	65626	885
Microformas de livros, etc.	528	1530
Mat. Audiovisuais		
Nº de unidades materiais	9393	5118
Materiais auditivos	1170	823
Materiais visuais	6438	3967
Materiais aud. e visuais	1785	328
Outros materiais (Nº unid.)	27442	68318
Aquis. durante o Ano		
Livros e Periódicos		
Nº de metros de prateleira	2004	1325
Nº de volumes	77693	45664
Nº de títulos	46959	28039
Manuscritos		
Nº de metros de prateleira	3	11
Nº de volumes	999	79
Microformas de livros, etc.	528	1530
Mat. Audiovisuais		
Nº de unidades materiais	817	5905
Materiais auditivos	75	24
Materiais visuais	731	5322
Outros materiais (Nº unid.)	2236	1606
Nº de títulos em publicação	8150	9413
Despesas com aquisição (Unidades 1000 esc.)	154186	151382

Figura 1.

**BIBLIOTECAS
SEGUNDO O NÚMERO DE VOLUMES**

Classe	Bibliotecas Universitárias	De Institutos ou Depart. Universitários
	46	137
1 - Até 2000 vols.	5	37
2 - 2001 - 5000	5	30
3 - 5001 - 10000	4	25
4 - 10001 - 15001	4	14
5 - 15001 - 20000	2	10
6 - Mais de 20000 vols.	26	21

Figura 2.

**BIBLIOTECAS
SEGUNDO A ÁREA OCUPADA**

Especificação	Total	Bibliotecas Universitárias	De Instit. ou Departamentos Universitários
	183	46	137
Área ocupada pela biblioteca (m ²)	40363	19756	20607
Nº de lugares postos à disposição	7165	3448	3717

Figura 3

**BIBLIOTECAS
SEGUNDO DESPESAS (1989)**

		Bibliotecas Universitárias 46	De Institutos ou Depart. Universitários 137	Total 183
Despesas Correntes	Aquisições	154186	151382	305568
	Outras Desp.	12214	7537	19751
	Pessoal	156957	150024	306981
Total		323357	308943	632300
Capital	Terrenos construção			
	Bens de Equipamento	25088	4277	29365
	Outras Desp.		17787	17787
Total		25088	22064	47152
Totais		348445	331007	679452

Unidade (1000 esc.)

Figura 4.

**BIBLIOTECAS
SEGUNDO OS RECURSOS HUMANOS**

		Bibliotecas Universitárias 46	De Institutos ou Depart. Universitários 137	Total 183
Nº de bibliotecas				
Profissionais de Bibliotecas	Diplomados	72	50	122
	C/Curso de BAD	120	137	257
Outros		176	158	334
Total		368	345	713
Despesas com o pessoal (em milhares de esc.)		156957	150024	306981

Figura 5.

**BIBLIOTECAS
SEGUNDO DESPESAS COM BENS DE EQUIPAMENTO⁽¹⁾**

Total	Bibliotecas Universitárias	De Institutos ou Depart. Universitários
183	46	137
29365	25088	4277

Figura 6.

DOTAÇÃO ORÇAMENTAL - AQUISIÇÃO DE EQUIPAMENTO INFORMÁTICO⁽²⁾

Tipo Bibl.	Nº Bibl.	Sem Dotação	Com dotação (Unidade Esc. 1000)				Não Resp.
			< 500	500 a 2000	2001 a 5000	> 5000	
Bibl.Univ.	53	26	7	6	1	13	

Figura 7.

(1) Elementos retirados das "Estatísticas da Cultura, Desporto e Recreio: 1989". Lisboa, INE, 1991, pág. 96.

(2) Elementos retirados do "ponto da Situação da Aplicação das Novas Tecnologias de Informação às Bibliotecas...: Actualização: Relatório final". Lisboa, BAD, 1991, pág. 32.

**BIBLIOTECAS
SEGUNDO SERVIÇOS PRESTADOS**

ESPECIFICAÇÃO	Total	Bibliotecas Universitárias	De Instit. ou Departamentos Universitários
	183	46	137
Nº de utiliz. a qualquer título		129495	146193
Nº de utiliz. para empréstimo		62678	84022
Fotoc. e Microf. efectuadas			
Fotocópias (nº de fls.)		3215955	2880845
Microf. (nº de unidades)		253379	10050
Doc. emprestados p/externos aos utilizadores			
Nº de livros per. e manu.		213767	230895
Nº vol. copiados fornecidos		10643	12201
A outras bibliotecas do País			
Nº de pedidos recebidos		617	3675
Nº de pedidos satisfeitos		510	3248
Nº de volumes, etc. emprest.		383	65
Nº de cópias fornecidas		1009	1093
Emprést. entre bibliotecas			
Empr. a bibliotecas estrangeiras			
Nº de pedidos recebidos		3	113
Nº de pedidos satisfeitos		3	95
Nº de volumes, etc. emprestados		1	...
Nº de cópias fornecidas		1	202
Emprést. de bibl. estrangeiras			
Nº de pedidos feitos		30	496
Nº de pedidos satisfeitos		27	578
Nº de volumes, etc. recebidos		20	152
Nº de cópias recebidas		7	281

Figura 8.

2.2. Equipamento Informático

Os dados de que dispomos sobre este aspecto não nos permitem caracterizar com rigor qual é a situação informática nas bibliotecas universitárias em Portugal. Por tal motivo as afirmações que se seguem são baseadas nos elementos que conseguimos obter através de informações fornecidas por colegas de diversas universidades e foram recolhidas de um modo informal. Elas são, por isso mesmo, não oficiais, fragmentárias e caracterizadas pelo rigor que é possível incutir em dados obtidos de uma tal maneira.

QUAL É, ENTÃO, EM LINHAS GERAIS, O PANORAMA INFORMÁTICO DAS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS NESTE MOMENTO?

Em termos de equipamento, o uso dos microcomputadores monoposto e monotarefa impera na maioria das bibliotecas universitárias, onde eles suportam a catalogação e a pesquisa bibliográficas "sendo muito raros os casos de computadores de médio e grande porte que, quando existem, não são normalmente de uso exclusivo da biblioteca"⁽¹⁾. No que respeita à catalogação, poderá informar-se que, das 36 bibliotecas universitárias cooperantes da PORBASE a maior parte o fazem enviando os registos correspondentes ao seu acervo documental em disquetes, certamente devido às limitações impostas pelo sistema; apenas 8 dispõem de ligações com a PORBASE para pesquisa e uma de ligação permanente para catalogação em linha. Estes microcomputadores servem também para apoio a tarefas de natureza administrativa, como as aquisições e o expediente e estão, ainda, em regime de quase exclusividade, como suporte à pesquisa bibliográfica em CD-ROM e/ou em linha, em poucas situações.

(1) Idern, pág. 33.

Os microcomputadores, a despeito da sua utilidade inicial, não conseguiram responder às exigências do trabalho técnico e, após as primeiras experiências com números de registos elevados, que se foram acumulando nas bases de dados locais, verificou-se que eles não poderiam ser considerados a solução definitiva para uso nas bibliotecas cujos fundos ultrapassassem os 5 000 volumes, a maior parte das universitárias como vimos no quadro.

Além disso, como funcionam em monoposto não permitem a realização de pesquisas em simultâneo, exigindo a monopolização da memória, qualquer que seja a operação que se pretenda levar a cabo, ficando as bibliotecas, quase tão sós, como estavam antes de iniciar o seu processo de informatização, apesar dos avanços verificados. Com vista a ultrapassar este inconveniente optaram alguns serviços pela aposta na utilização de outros sistemas, que lhes permitissem transpor as dificuldades encontradas. Contudo, segundo os dados do LIB2 apenas um projecto de gestão integrada de bibliotecas de grande porte se encontra em estudo, da responsabilidade do SIIB-Centro.

2.3. Programas Informáticos

Quanto aos programas informáticos utilizados, o Mini-Micro CDS/ISIS, disponibilizado pela UNESCO, parametrizado pela PORBASE e distribuído pela Biblioteca Nacional é aquele que é mais familiar neste tipo de instituições, neste momento. Sabe-se que o ISA da Universidade Técnica de Lisboa usa o TEXTO e a Universidade de Évora o DOCUMENTA.

Tem-se conhecimento de que instituições há que se servem de programas próprios, elaborados expressamente com finalidades definidas; assim, em algumas bibliotecas, usam-se programas específicos para gestão de empréstimos, e controlo de aquisições ou de periódicos que, embora possam resolver situações pontuais, não serão possivelmente susceptíveis de inserção em sistemas integrados de maior alcance, como os desejáveis na situação actual.

O programa adoptado para funcionar no projecto piloto do SIIB-Centro é o DOBIS/LIBIS, programa concebido pelas universidades de Dortmund e Lovaina.

2.4. Inovações tecnológicas

No que respeita ao aproveitamento das novas tecnologias para acesso à informação devemos referir, com um destaque especial no que toca a inovações tecnológicas neste tipo de bibliotecas, a existência de condições de pesquisa em linha em algumas e em CD-ROM em grande número delas, sobretudo nas que se caracterizam por fundos muito específicos.

3. PANORAMA DE DESENVOLVIMENTO FUTURO

3.1. O Espaço e o Funcionamento

A prestação de um bom serviço começa pela existência de bibliotecas com espaço para todos, onde sejam salvaguardados quer o isolamento e a concentração necessárias ao trabalho individual, quer a existência de espaços para o trabalho em grupo ou outras actividades.

Os utilizadores necessitam de bibliotecas de horários extensíveis com mobiliário agradável e confortável, condições ambientais razoáveis, nomeadamente no que se refere à luminosidade e à climatização.

Reforçamos também a importância de uma boa sinalização nas bibliotecas. O leitor deve poder perceber rapidamente por onde dirigir-se e como proceder para obter o que lhe interessa. A sinalização, que acumula um valor estético e apelativo, deverá integrar-se no ambiente de acolhimento e bem estar que quer proporcionar-se. É, por isso, fundamental a colaboração dos bibliotecários no planeamento da construção de novas bibliotecas; é uma exigência que tem que manter-se sob pena de se repetirem graves erros de inadequação, mesmo em construções recentes.

3.2. O Acesso aos Fundos

Em relação à consulta dos documentos, queremos frisar a importância do livre acesso ao fundo documental e a disponibilização de sistemas automáticos de recuperação de informação, que permitam ao utilizador obter, com acerto e pertinência, a informação sobre a documentação existente, nos domínios que mais lhe interessam.

Importará aqui referir todo o investimento que se deverá ainda fazer no desenvolvimento de programas de gestão de bibliotecas prestando especial atenção ao subsistema recuperação de informação, e à facilidade de utilização do mesmo, mediante o desenvolvimento de linguagens documentais próprias. Não deve esquecer-se também a importância da cooperação na publicação de thesauri em língua portuguesa para as diferentes áreas do conhecimento.

3.3. Reprodução de Documentos

Facilitar a reprodução de documentos por fotocópia, respeitando o consignado na legislação sobre o assunto, será, sem dúvida, uma das preocupações dos gestores das bibliotecas universitárias. Sabemos da existência, em alguns países, de múltiplas fotocopiadoras espalhadas funcionando em regime de self-service, com sistema de cartão ou similar. A nossa intransponível dificuldade reside, no facto de não existirem, em Portugal, importadores de máquinas com essas características, pelo que tem que recorrer-se à tradicional reprografia e sujeitar os utilizadores a largas esperas, até obterem as cópias desejadas. É imperioso que se tomem medidas no sentido de se resolver este impasse.

3.4. Obtenção de Documentos

A obtenção de documentos por fotocópia, microcópia ou empréstimo inter-bibliotecas é um dos serviços a que actualmente os investigadores mais recorrem e que mais testa a capacidade de uma biblioteca em responder às necessidades de informação dos utilizadores. Múltiplos obstáculos têm surgido ao grande empenhamento que os bibliotecários portugueses têm posto na prestação deste serviço resultantes:

1. Inexistência de acordos de cooperação entre organismos que garantam a satisfação de pedidos de empréstimo e/ou reprodução de documentos.
2. Desactualização da Base das Publicações Periódicas existentes em Bibliotecas Portuguesas.
3. Insuficiência de bases de dados nacionais, regionais ou sectoriais que cubram o património bibliográfico nacional.

3.5. Pesquisa em Bases Remotas

A oferta de pesquisa em bases de dados bibliográficos especializadas é, sem dúvida, outro precioso serviço a considerar. Falta-nos talvez, para além da sua maior implementação uma discussão sobre as determinantes da eficácia na recuperação da informação destas bases e sobre a gratuidade ou pagamento deste serviço. Somos confrontados, por um lado com as tendências mercantilistas no mercado da informação, por outro com a realidade de grande quantidade de bibliotecas oficiais estrangeiras, onde as pesquisas em bases de dados são gratuitas ao nível da consulta dos seus fundos documentais. Julgamos também já ultrapassada, porque suficientemente discutida, a oposição CD-ROM/ pesquisa em linha. A decisão sobre este assunto prende-se com as características de cada serviço e com as necessidades de informação dos seus utilizadores. Aponta-se actualmente para uma complementaridade entre estes dois sistemas,

sendo o figurino usual a existência de bases em CD-ROM cobrindo a informação dentro da área específica de cada serviço e o acesso a bases em linha para pesquisas mais diferenciadas e mais actualizadas.

Um outro recurso a explorar será a utilização de rede videotexto para pesquisa em bases de dados ou localização dos documentos, seguindo o exemplo de outros países, nomeadamente a França.

3.6. Formação dos Utilizadores

Gostaríamos de abordar a perspectiva de formação dos utilizadores não tanto no aspecto do fornecimento de indicações práticas para utilização das bibliotecas e respectivos fundos, mas na perspectiva do contributo para o fomento do estudo e das actividades de investigação. Julgamos estar já reconhecida pelos bibliotecários a importância de redigir guias explicativos, de fazer sessões de esclarecimento ou de montar esquemas de apoio individual, com vista a fornecer aos utilizadores aptidões necessárias à utilização das bibliotecas.

Múltiplas experiências internacionais apontam para a importância de a formação dos utilizadores fazer parte dos currículos dos cursos e para as vantagens da formação através de programas informáticos extremamente aliciantes.

Pergunta-se se não teriam também cabimento acções paralelas no âmbito da programação do estudo, da metodologia de elaboração e apresentação de trabalhos científicos, da pesquisa e uso de fontes de informação.

Será talvez oportuno chamar também a atenção para a importância de se efectuarem estudos sobre a realidade das bibliotecas universitárias, tanto na vertente utilizadores (necessidades, características, etc.) como no aspecto de avaliação e divulgação do que já se vai fazendo em Portugal.

4. UMA PERSPECTIVA DE TRABALHO: COOPERAÇÃO

Os dados estatísticos aqui apresentados pretendem apenas dar uma panorâmica, tanto quanto possível precisa, da situação actual das bibliotecas universitárias.

A extrema dispersão de fundos, agravada, em parte, por disfunções internas, aliada, por outro lado, à falta de coerência, ausência de coordenação e fragmentação de esforços, são um dos pontos fracos evidenciados nas estatísticas.

Espera-se de cada Universidade a definição de uma política de formação, de investigação, e documental - de acordo com os seus meios e aspirações. É legítimo esperar, também, que a Universidade tenha consciência do carácter útil que a biblioteca representa para si, de forma a constituir um **"centro nervoso"** da instituição.

Podem as bibliotecas enriquecer o seu papel no seio da comunidade universitária, partilhar da política cultural da Universidade, desempenhar um papel piloto na sua modernização e propor, inclusivé, uma política documental universitária.

Para além de quaisquer ilações tiradas de uma análise global, há ainda o sentir que cada um de nós tem das suas próprias condições de trabalho e do que gostaria que elas fossem. Neste caso, como em muitos outros, **o todo nem sempre é a soma das partes**, nem mesmo a média será uma base segura de identificação dos problemas.

O que se pretende demonstrar, sucintamente, no esquema que se segue, é a possibilidade de alterar, não só **quantitativamente**, como também, e acima de tudo **qualitativamente**, a panorâmica referida. Basta para isso a introdução de um elemento potencializador, em si mesmo não quantificável.

A COOPERAÇÃO

É antes de mais, um estado de espírito e traz implícita uma vontade de comunicar, alimentada pela energia mobilizada por uns, encorajada pela ambição de outros, permitida pelo oportunismo de alguns e travada pela resistência de outros que não aderem. A cooperação necessita, pois, de uma acção de perseverança e tenacidade face a algumas resistências. Requer um envolvimento nos objectivos comuns, e mobiliza energias e exprime solidariedade.

A cooperação é ela própria reflexo de aprendizagem da vida social: a sua base de funcionamento é o trabalho de equipa. Trabalho que, por sua vez é sinónimo do mais rigoroso respeito de regras concretas para garantir um bom funcionamento na troca de informação e de um enorme esforço no sentido da normalização.

Nenhuma biblioteca, qualquer que seja o seu poder aquisitivo, pode sequer pretender atingir auto-suficiência e exaustividade dos seus fundos. O conjunto dos documentos reunidos nas bibliotecas representa um considerável património científico que deve ser valorizado na medida em que esteja acessível a todos. A ideia de cooperação não é nova nem obsoleta.

PORQUÊ ENTÃO FALAR DE COOPERAÇÃO COMO SE ALGO DE NOVO SE TRATASSE

Porque o conceito tem actualmente conotações diferentes. As transformações sociais têm inevitavelmente influência sobre o modo de encarar o acesso e o uso que o homem faz da informação. As telecomunicações, os meios de comunicação social estabeleceram entre os homens ligações complexas que, se por um lado diluem algumas diferenças, por outro têm efeito catalizador no reforço de uma identidade própria.

Há que reter a noção, nem sempre presente, de que a biblioteca é um agente social que ou se assume como **agente receptor**, vivendo isoladamente e desempenhando um papel meramente passivo ou se assume como **agente activo**, interferindo na sociedade, veiculando a transmissão de conhecimentos. E aqui o isolamento não é mais possível. Será sempre através de uma constante intercomunicação que se manterão os contactos necessários a uma evolução.

CENÁRIO PRESENTE

**I
N
F
O
R
M
A
L**

**BOAS
VONTADES**

Pessoa a pessoa

Comunicação Telefónica, Escrita

Desorganizada

Sem regras

Dependente das necessidades de momento

Baseada no princípio da posse

Lenta

Pouco dispendiosa em termos absolutos

**B
I
B
L
I
O
T
E
C
A
S
D
I
S
P
E
R
S
A
S**

CENÁRIO DESEJÁVEL

**F
O
R
M
A
L**

**I
N
S
T
I
T
U
C
I
O
N
A
L**

Organização a organização

Comunicação via Correlo Electrónico, FAX

Sujeita a planeamento prévio

Organizada

Sujeita a regras

Baseada no princípio da disponibilização

Rápida

Dispendiosa

**R
E
D
E
S**

O carácter inelutável da cooperação é mais do que evidente sobretudo num contexto de restrições económicas em que o preço de informação nada tem a ver com os orçamentos das bibliotecas.

Estas, equipadas com as novas tecnologias poderão, então, estar em condições de fornecer virtualmente grandes quantidades de informação pelo recurso a bases de dados nacionais e/ou internacionais.

O acesso universal à informação implica, porém, uma atitude de mudança, que não só de rotinas

- Uma maior mobilidade da informação, disponibilidade da documentação e, por conseguinte, um maior recurso ao empréstimo inter-bibliotecas,

- Uma melhor consciencialização da parte do pessoal (apoiado em acções de formação inicial e contínua) do seu papel de interligação entre utilizadores geograficamente dispersos,

- O abandono do objectivo de **Posse** versus **Acesso**.

NÃO HÁ UM MODELO DE COOPERAÇÃO HÁ VÁRIAS FORMAS DE COOPERAR

E, qualquer que seja o nível a que se pratique, tem um preço: capacidade de renúncia de uma parte da sua soberania, e uma exigência básica - uma estrutura que permita localizar o documento e saber se está disponível. Isto só será viabilizado por soluções tecnológicas:

UMA REDE DE INFORMAÇÃO

Na verdade o estabelecimento de uma rede vai permitir um conhecimento mais alargado das fontes disponíveis e divulgar importantes colecções; vai ainda possibilitar a cooperação na divisão de tarefas e na prestação de serviços comuns

Poder-se-á então

- *Partilhar os recursos bibliográficos de cada universidade mediante um serviço de empréstimo inter-bibliotecas apoiado em novos meios telemáticos.*
- *Evitar duplicação de esforços com acesso a uma catalogação partilhada,*
- *Racionalizar uma política de desenvolvimento de fundos.*

Estes e outros padrões de cooperação implicam uma adequada equação de custos para

- *Equipamento*
- *Funcionamento*

E uma redefinição das estratégias das universidades no que respeita a afectação de recursos com vista ao desenvolvimento das áreas temáticas que, no âmbito da cooperação se entenda desenvolver.

Este é um processo que responsabiliza toda a Universidade, e não só a biblioteca que passará a ser enquadrada no plano global de desenvolvimento da instituição. Entendemos, ainda, e a terminar que sem o reconhecimento da capacidade profissional do bibliotecário não poderá haver uma resposta capaz a este novo entendimento do papel da biblioteca na estrutura da Universidade. Esse reconhecimento deverá, em nossa opinião traduzir-se em

- *Inteira responsabilidade pelo seu trabalho,*
- *Autonomia de decisão,*
- *Participação em actos que se revistam de importância para o planeamento do Ensino e Investigação na sua Universidade,*
- *Subordinação hierárquica a nível dos órgãos máximos de gestão da Universidade ou Faculdade.*

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Análise de modelos organizacionais de Bibliotecas Universitárias Brasileiras:

Relatório de Pesquisa - Campinas: PNB, 1989

ANESTOY, Jeannette - *La coopération est-elle devenue une imposture?*
"BDF", 36(3) 1991, p.194-195.

BENOULT, Daniel

Politique documentaire et universitaire. "Documentalist", vol.28 (6) 1991,
pág. 253-259.

CALADO, Adelino

Parâmetros de uma rede de informação das Universidades Portuguesas. -
Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade, 1980.

CANNEYRE, Jean-Pierre et GALLARD, Catherine

Les bibliothèques universitaires, les bibliothèques des grands établissements, les bibliothèques spécialisées. - Paris: Docmedia, 1990.

DYSON, Buan, ed. lit.

The Modern Academic Library: Essays in memory of Philip Larkin. -
London: The Library Association, 1989.

Estatísticas de Cultura, Desporto e Recreio: 1989. - Lisboa, INE, 1991.

FRICK, Elizabeth, ed. lit.

A place to stand: user education in canadian studies. Ottawa: Canadian
Library Association, 1988.

HELN, Morten

*La coopération entre bibliothèques basées sur les réseaux technologiques
d'information: une vision du future de la bibliothèque européenne*. - "IFLA
General Conference, Stockholm, 1990", 10 pág.

JOHNSON, Edward F. ed. lit.

Management issues in the network environment. - New York: The Haworth Press, 1988.

LATZ, William

Your library: a reference guide. - 2nd ed. - New York: Holt, Rinehart and Winston, 1984.

MAC CABE, Gerard B., ed. lit.

The smaller academic library: a management handbook. - New York: Greenwood Press, 1988.

MARTIN, Susan

Library networks, 1986-87. - New York: Knowledge Industry Publications, 1986.

MIQUEL, André

Les bibliothèques universitaires: rapport du Ministère de l'Éducation Nationale, de la Jeunesse et des Sports. - Paris: La Documentation Française, 1989.

MIQUEL, André

BU d'hier et de demain. - "BBF", Tome 45 (6), 1988, pág. 356-367.

Ponto da situação de aplicação das novas tecnologias de informação às bibliotecas e o seu impacto nas actividades das bibliotecas em Portugal: Actualização: Relatório final. - Lisboa: BAD, 1991.

MOLLET, Martine - Fragments d'un discours sur la coopération.
"BBF", 36(2)1991, p.177-183.

SEWELL, Philip

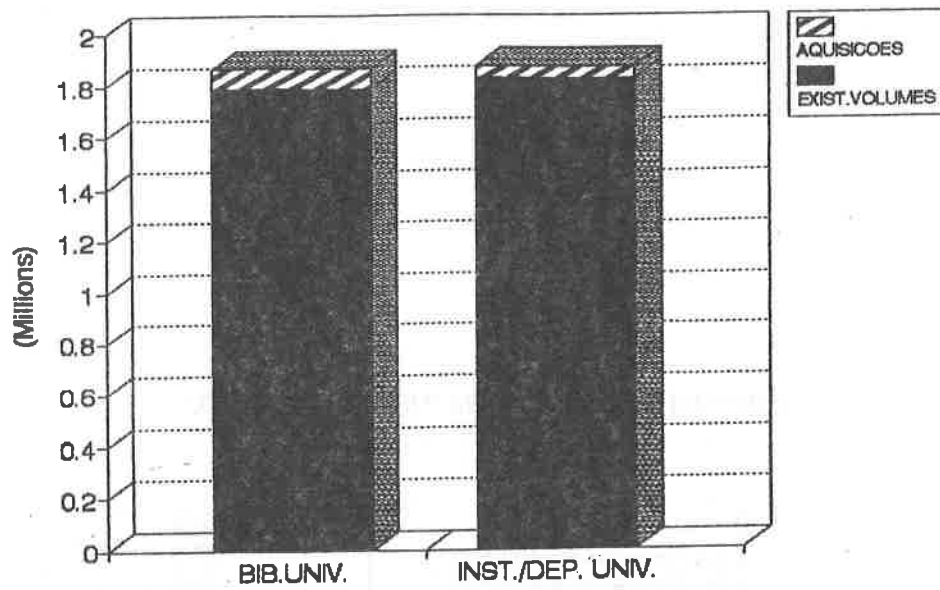
Resource sharing. - London: Andre Deutsch, 1981.

THOMPSON, James, CARR, Reg

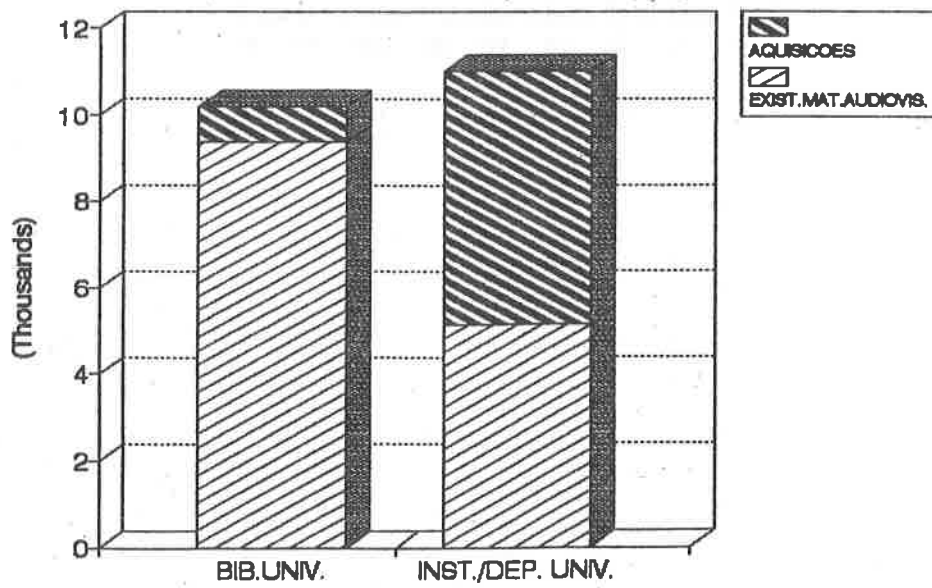
La biblioteca universitaria: introducción a su gestión. - Madrid: Fundación German Sanchez Ruiperez, 1987.

ANEXOS

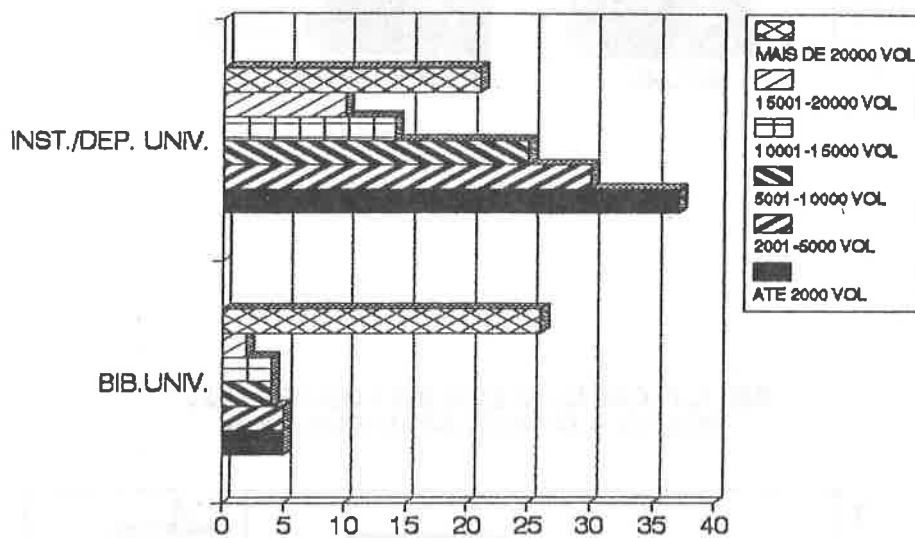
BIBLIOTECAS UNIV. E DE INST. OU DEP. UNIV
VOLUMES (EXIST. E AQUISICOES)



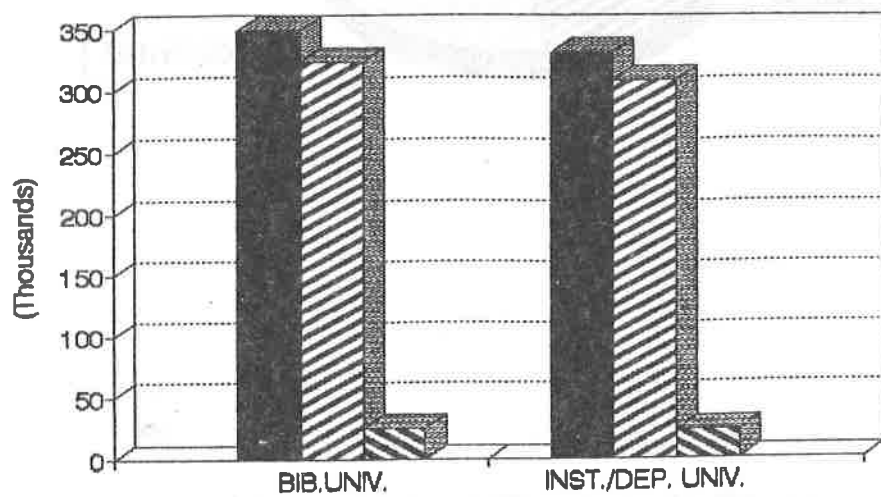
BIBLIOTECAS UNIV. E DE INST. OU DEP. UNIV
MATERIAL AUDIOVISUAL (EXIST/AQUISICOES)



BIBLIOTECAS UNIV. E DE INST. OU DEP. UNIV
NUMERO DE VOLUMES EXIST.

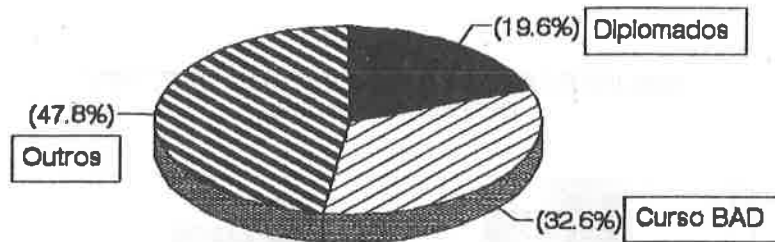


BIBLIOTECAS UNIV. E DE INST. OU DEP. UNIV
 DESPESAS (mll escudos)

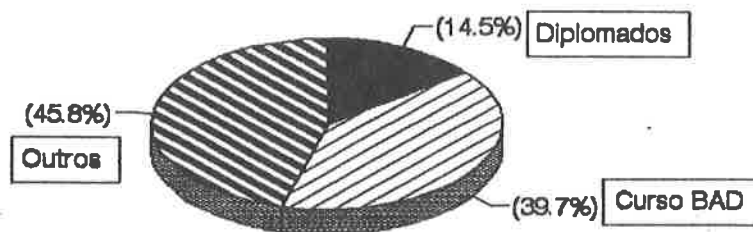


DESP. TOTALIS
 DESP. CORRENTES
 DESP. CAPITAL

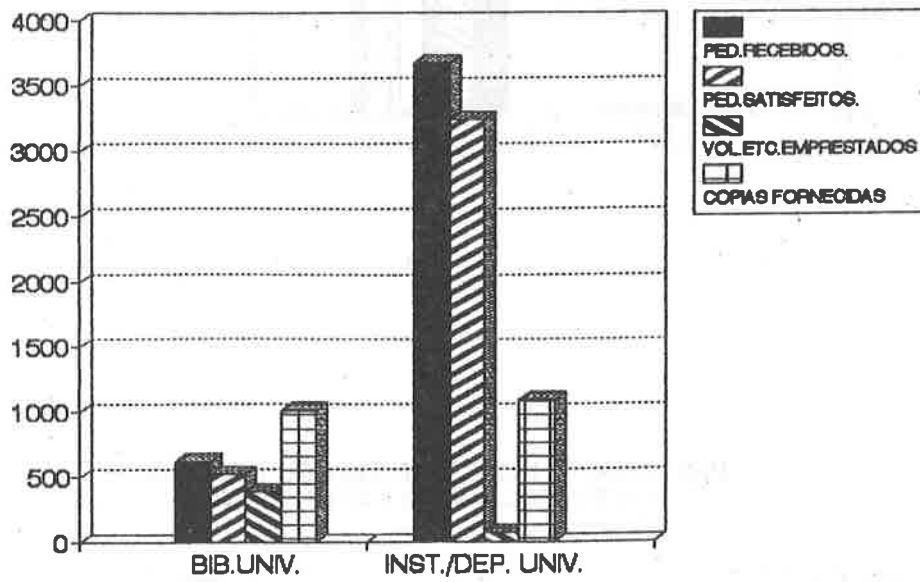
Bibliotecas Universitarias



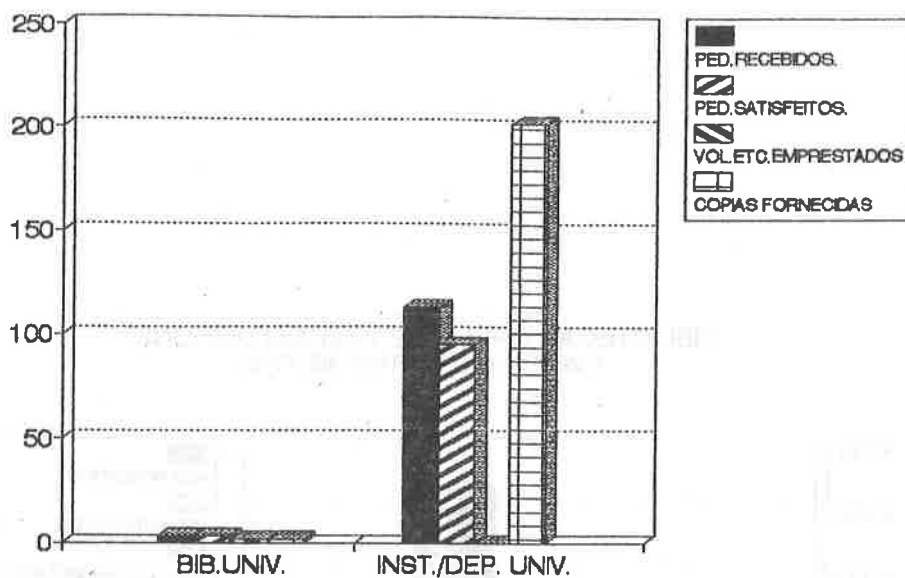
Institutos ou Departamentos Universitarios



**BIBLIOTECAS UNIV. E DE INST. OU DEP. UNIV.
EMPRESTIMO OUTRAS BIB. PAIS**



BIBLIOTECAS UNIV. E DE INST. OU DEP. UNIV
EMPRESTIMOS A BIB. ESTRANGEIRAS



BIBLIOTECAS UNIV. E DE INST. OU DEP. UNIV
EMPRESTIMOS DE BIB. ESTRANGEIRAS

